

PPP é saída para realização de obras

Parcerias público privadas ajudam municípios e Estados, diz presidente da Autoridade Pública Olímpica à comitiva do Ficon, no RJ

ARMINDA AUGUSTO

ENVIADA AO RIO DE JANEIRO

A parceria entre os setores público e privado pode ser a solução para problemas e situações em que prefeituras e Estado, sozinhos, não conseguem resolver, especialmente em momentos de crise econômica. Mas as regras precisam estar bem estabelecidas, com previsão de contrapartida clara e transparente. No caso da Baixada Santista, por exemplo, soluções conjuntas poderiam surgir para as áreas degradadas do Valongo, do Centro e bairros adjacentes.

Quem defende a ideia é o santista Marcelo Pedrosa, presidente da Autoridade Pública Olímpica (APO), organismo que surgiu através de um consórcio público interfederativo (União, Estado do Rio de Janeiro e Prefeitura do Rio) para a realização dos Jogos Olímpicos, em agosto.

Pedrosa esteve à frente de obras que envolveram os setores público e privado. A APO, criada por lei federal em 2011, monitorou obras e serviços, consolidou planejamento integrado de obras, e agiu em impasses e no encaminhamento do legado dos jogos para o Rio.

Marcelo Pedrosa apresentou ontem a trajetória de planejamento, execução e conclusão dessas obras e serviços a um grupo de empresários da construção civil da Baixada Santista e autoridades da região que estão no Rio como etapa complementar do 6º Fórum da Indústria da Construção de San-

À frente



O santista Pedrosa presidiu a Autoridade Pública Olímpica

tos e Região (Ficon), iniciativa do Grupo *Tribuna* e da Una Marketing de Eventos. A comitiva chegou no domingo e encerra hoje visitas e palestras.

Pedrosa explicou a empresários e autoridades as etapas que antecederam os jogos, divididos em arenas e espaços esportivos. Nesses locais, houve obras de ampliação, adaptação e correção para abrigar 15 mil atletas de 206 países.

No Parque Olímpico, por exemplo, a Prefeitura cedeu a área, o consórcio executou as obras e, em contrapartida, poderá usar 40% desse espaço para projetos imobiliários.

"Eu diria que, além de projetar o País lá fora, o mais importante dos jogos foi o legado que eles deixaram para os moradores do Rio", afirmou Marcelo Pedrosa. Ele se refere, especial-

mente, às obras de infraestrutura, rede elétrica, de esgoto e a mobilidade que foram feitas para acolher esse contingente de pessoas e que agora ficarão para a comunidade.

A Olimpíada representou investimento total de quase R\$ 30 bilhões (60% privados e 40% públicos). Além disso, elevou o estoque de vagas em hotéis de 32 mil para 52 mil, com 70 novos empreendimentos.

PORTO MARAVILHA

A comitiva do Ficon também percorreu, na tarde de ontem, a área revitalizada do cais conhecida como Porto Maravilha – um quadrilátero do Centro com mais de 5 milhões de metros quadrados totalmente remodelado e hoje cartão-postal do Rio de Janeiro.

"A Prefeitura entrou com a cessão da área e a iniciativa privada realizou investimentos. Transportando o modelo para Santos, por exemplo, imagino que algo semelhante poderia ser pensado para a área do Valongo", disse Pedrosa.

O Ficon é uma iniciativa do Grupo *Tribuna*, com organização da Una Marketing de Eventos e tem o patrocínio da Associação Comercial de Santos, Associação dos Empresários da Construção Civil (Assecob), Grupo Mendes, Grupo Macuco, Mourão Construtora e Incorporadora, Serviço Social da Construção (Seconci), Sindicato da Habitação (Secovi), Sindicato da Construção (Sinduscon) e Vértice Construtora.



Denominado AquaRio, equipamento é um dos mais visitados do Porto Maravilha: investiram-se R\$ 150 mi

Aquário ajuda a revitalizar área

Um dos equipamentos mais visitados do Porto Maravilha é o AquaRio, inaugurado em 9 de novembro e que já atraiu mais de 100 mil visitantes, entre turistas e moradores da cidade. Com investimento privado de R\$ 150 milhões, o aquário é o maior da América do Sul, com 4,5 milhões de metros cúbicos de água, 250 espécies marinhas e 3 mil animais em exposição.

A comitiva do Ficon também percorreu os quatro andares

do prédio, antes um armazém subutilizado no cais do Valongo. Marcelo Szpilman, um biólogo marinho que se tornou empresário, participou da licitação e conquistou a cessão de uso do armazém por 50 anos, em parceria com mais três empresas que já tinham experiência na exploração turística de locais e equipamentos de lazer.

Os ingressos não são baratos (de R\$ 40,00 a R\$ 80,00), mas o visitante pode tocar e vivenciar a experiência de estar pró-

ximo de tubarões, raias e peixes só vistos em alto-mar.

A contrapartida do investimento vem da bilheteria e de 11 diferentes fontes, como estacionamento, restaurantes, lanchonetes, quiosques, lojas e eventos. "Minha aposta na revitalização do espaço veio bem antes do Porto Maravilha e dos Jogos Olímpicos. Eu realmente acredito na renovação dos espaços urbanos e na capacidade que eles podem ter de atrair o público".

FOTOS VANESSA RODRIGUES